

Recebido em: 26/02/2024  
Aprovado em: 17/05/2024  
Publicado em: 06/08/2024

## PALAVRAS SUBVERSIVAS

uma análise do tabu linguístico do palavrão a partir da psicanálise de Freud e da filosofia da linguagem de Wittgenstein

## SUBVERSIVE WORDS

an analysis of linguistic taboo of swearing based on Freud's psychoanalysis and Wittgenstein's philosophy of language

Elias Cobra<sup>1</sup>  
([eliazcobra@hotmail.com](mailto:eliazcobra@hotmail.com))

**Resumo:** A linguagem humana é um fenômeno rico de significados e é influenciada por aspectos culturais, sociais e psicológicos. Isto posto, o objetivo deste artigo é propor uma discussão conceitual sobre a questão do tabu linguístico dos palavrões no interior dos discursos cotidianos e sua influência nas interações sociais. Intenta-se evidenciar os mecanismos psicológicos por trás da construção deste lexical obscuro à luz da psicanálise freudiana e da filosofia da linguagem de Wittgenstein. Para a realização desta pesquisa, empreendeu-se uma investigação bibliográfica e teórica na literatura relacionada ao tema em questão, notadamente *Totem e Tabu* de Freud e as *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein. Assim sendo, chegou-se ao entendimento que os palavrões se tornaram parte integrante dos discursos, evidenciando a relação ambígua do ser humano com o sagrado e o profano. Portanto, é preciso considerar as diversas situações de fala definidas pelos jogos de linguagem, bem como seu fundamento psicológico.

**Palavras-chave:** Palavrões. Psicanálise. Tabu. Freud. Wittgenstein.

**Abstract:** Human language is a phenomenon rich in meanings and is influenced by cultural, social and psychological aspects. That said, the objective of this article is to propose a conceptual discussion on the issue of the linguistic taboo of swear words within everyday speech and its influence on social interactions. The aim is to highlight the psychological mechanisms behind the construction of this obscene lexical in the light of Freudian psychoanalysis and Wittgenstein's philosophy of language. To carry out this research, a bibliographical and theoretical investigation was undertaken in the literature related to the topic in question, notably Freud's *Totem and Taboo* and Wittgenstein's *Philosophical Investigations*. Therefore, it was understood that swear words have become an integral part of speeches, highlighting the ambiguous relationship between human beings and the sacred and profane. Therefore, it is necessary to consider the different speech situations defined by language games, as well as their psychological foundation.

**Keywords:** Swearing. Psychoanalysis. Taboo. Freud. Wittgenstein.

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5528520263644224>.  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9978-6224>.



## INTRODUÇÃO

Os fenômenos linguísticos englobam diversos aspectos: culturais, sociais e psicológicos e constituem uma parte essencial da experiência humana, de modo que seu estudo é fundamental para compreender as dinâmicas sociais. Isto posto, é pertinente estudar os tabus linguísticos no interior dos discursos a fim de adentrar no terreno proibido dos lexicais obscenos, recorrendo à Freud para esclarecer a polêmica relação do tabu com a sociedade e entender seu uso dentro dos jogos de linguagem, a partir da perspectiva de Wittgenstein. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é buscar compreender o papel dos palavrões na vida cotidiana e sua influência nas interações humanas.

Para o desenvolvimento desta pesquisa recorreu-se a autores que abordaram essas questões no campo da filosofia e psicanálise, empreendendo uma investigação bibliográfica e teórica na literatura relacionada ao tema em questão. Entre os autores consultados, destacam-se Freud, principalmente sua obra *Totem e Tabu* e as *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein. A partir da análise da linguagem, é possível entrever que muitos juízos errôneos são derivados da falta de compreensão das situações de fala e da origem das palavras incluídas no index condenado pelo senso comum.

Faz-se necessário compreender o novo – mas nem tão novo assim – arcabouço de termos utilizado com profusão por pessoas de todas as idades, classes e gêneros, que incluem palavras que antes eram condenadas e que se tornaram parte integrante dos discursos, até mesmo como forma de cumprimento e elogio. O artigo inicia com uma análise psicanalítica do tema, a fim de esclarecer a origem dos tabus na sociedade para desenvolver uma discussão conceitual partir da filosofia da linguagem de Wittgenstein.

### 1 O TABU LINGUÍSTICO DO PALAVRÃO SOB O VIÉS PSICANALÍTICO

O que é um tabu e como ele se insere na linguagem? Para responder essas questões é salutar recorrer ao estudo de Freud desenvolvido em seu ensaio *Totem e tabu*, de 1913. Nele, o fundador da psicanálise realiza uma profunda investigação sobre a origem da organização da sociedade em torno do totemismo e do tabu. Primeiramente ele esclarece que "Tabu" é uma palavra polinésia sem uma tradução adequada, equivalente ao *sacer*<sup>2</sup> em latim e *ἄγος*<sup>3</sup> em

---

<sup>2</sup> Sagrado e maldito.

<sup>3</sup> Maldição e purificação.

grego. Essa noção está relacionada a uma ambivalência, pois significa ao mesmo tempo sagrado e santo, bem como proibido, impuro e perigoso. Nesse sentido, o contrário de tabu em polinésio é *noa*, isto é, aquilo que é habitual e acessível a todos. Talvez "temor sagrado" seja um equivalente mais próximo. A partir do estudo de Wilhelm Wundt<sup>4</sup>, Freud assente que o tabu é o código mais antigo de leis não escritas da humanidade, pois sua origem prescinde qualquer fundamentação e, portanto, permanece obscura. Com a marca da psicanálise, o autor da obra em questão afirma que a punição para violação de um tabu teria caráter automático e mais tarde, atribuiu-se a deuses e espíritos, esperando o castigo de uma instância divina. Posteriormente, a própria sociedade assumiu a punição dos infratores, de modo que o mais antigo código penal da humanidade pode remontar ao tabu.

Assim sendo, "o indivíduo que violou um tabu torna-se ele mesmo tabu, porque tem o perigoso atributo de tentar outros a seguir seu exemplo" (Freud, 2013, p. 27). Consequentemente, outra característica fundamental do tabu é a transmissibilidade, sendo possível eliminá-lo através de rituais de purificação. Há tabus permanentes, como sacerdotes e chefes e tabus temporários, como a menstruação e o parto. Com efeito, o tabu se relaciona a tudo, pessoas, lugares, objetos e estados que possuem essa misteriosa característica. Segundo o médico austríaco, a relação dos povos com o tabu é caracterizada por uma atitude ambivalente, visto que "nada gostariam mais de fazer, em seu inconsciente, do que infringi-las, mas também têm receio disso; receiam justamente porque querem, e o temor é mais forte que o desejo" (Freud, 2013, pp. 26-27).

Isto posto, é possível entrar agora propriamente no tema central da discussão, isto é, tentar compreender os aspectos culturais, sociais e psicológicos que englobam a dinâmica da constituição do sujeito moderno a partir de sua relação com a modalidade de expressão ofensiva que configura o palavrão. Destarte, é preciso fazer uma ressalva: o campo do tabu linguístico é um campo mais amplo dentro da linguística e não se restringe aos palavrões, mas também às expressões tidas como desagradáveis, relacionados a fatos desagradáveis como doença, velhice e morte, substituídos comumente por eufemismos<sup>5</sup> (Sandmann, 1992-93, p. 222). Segue-se que dependendo da cultura, o palavrão está relacionado a temas específicos, tais como: no alemão, à falta de higiene ou sujeira (*Schwen*, "porco"; *Scheisse*, "m\*rda"); no italiano, à religião (*porco dio*); já no português, à sexualidade, especialmente aos chamados "desvios" de ordem sexual ("filho da p\*ta", "v\*ado", "g\*linha").

<sup>4</sup> *Psicologia dos povos* (1906), mencionado por Freud na obra *Totem e Tabu*.

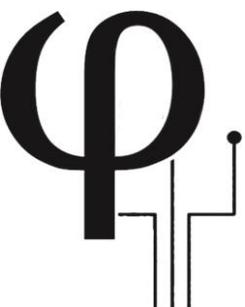
<sup>5</sup> A título de exemplo, é possível citar "morrer"; "velho"; "câncer"; "mal de Hansen"; substituídos por "falecer"; "velhinho"; "c.a."; "m.h."; respectivamente.

Evidentemente, tudo relacionado à sexualidade geralmente é reprimido, como demonstrou Freud, algo que não acontece sem uma grande parcela de sofrimento. Mais especificamente, na língua portuguesa, os palavrões variam dentro de campos semânticos, como aqueles dirigidos aos homens que geralmente referem-se à sexualidade passiva ("b\*cha", "v\*ado", "tomar no c\*"), além daqueles relacionados à infidelidade, como "c\*rno" e "c\*ifrudo". Já a mulher é estigmatizada em relação à prostituição ("p\*ta", "g\*linha", "f\*mea"). Ainda é possível citar outros campos, como religião ("d\*sgraçado", "d\*abo"); idade ("f\*delho", "c\*roa"); falta de higiene ("p\*rcó"); defecação e micção ("c\*gão", "m\*jão", "b\*sta"); partes e nomes de animais ("pata", "rabo", "cavalo", "elefante"); bem como fatos históricos, tais como "j\*deu", "n\*zista", "f\*scista", "c\*munista"; entre outros.

De se observar que os palavrões possuem graus de agressividade e nem todos reagem da mesma maneira, já que parece que eles estão tão incorporados na linguagem cotidiana que quase não causam mais estranhamento, seja no ambiente informal ou até mesmo formal, de modo que expressões como "f\*deu-se", "p\*ta m\*rda" e "p\*rra", são usados de maneira corriqueira. Nesse sentido, constata Sandmann

O que temos presenciado com frequência é o que chamaríamos de 'jogo de faz-de-conta', isto é, o palavrão é dito, mas não é para valer, como no seguinte fato em que um jovem gritou para o outro, do outro lado da rua: 'Ô baixinho filho da puta!', atravessaram a rua e se abraçaram (Sandmann, 1992-93, p. 225).

Desse modo, num outro pequeno ensaio de Freud intitulado *A significação antitética das palavras primitivas* (1910), o autor demonstra que a linguagem desenvolveu-se a partir de ambiguidades, ou seja, palavras que carregam dois sentidos opostos sem contradição, como no caso da língua egípcia. Freud parte de um panfleto de Karl Abel, publicado em 1884, e cita trechos inteiros para demonstrar que a língua egípcia possui a peculiaridade de ter um bom número de palavras com dupla significação e algumas significam o exato oposto da outra. Outras línguas possuem a mesma característica, como o latim *sacer* e outras modernas como *without* em inglês e *mitohe* em alemão (com-sem). Nesse contexto, aflora à evidência que os palavrões se tornaram cumprimentos e até mesmo elogios, invertendo o significado comum das palavras, passando a assumir um sentido positivo. Em outro texto, a saber, *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), o fundador da psicanálise versa sobre os chistes infantis e sobre a presença de uma linguagem obscena denominada de cômico infantil, evidenciando que as crianças possuem uma falsa ingenuidade, pois desfrutam de uma liberdade que não



seria permitida de outra forma. Nesse sentido, Freud afirma que "é cômico o que não é apropriado em um adulto" (Freud, 2017, p. 322).

De fato, a maioria das pessoas utiliza de alguma forma ou em alguma situação os chamados palavrões, por mais que se negue o seu uso. Do exposto deflui que parece haver um certo gozo infantil no uso de palavras "proibidas", de modo que se tornou comum na interação diária das pessoas. Isto se dá de maneira intencional ou não, especialmente em contextos carregados de emotividade. Dessa maneira, "eles são vistos também como elemento catártico para aliviar a tensão social." (Orsi, 2011, p. 335). Ademais, como destaca Orsi, os itens lexicais obsceno-eróticos são marcas da liberdade que conferem precisão ao sentimento expresso (2011). Avançando na discussão, é interessante observar a constituição do sujeito a partir da linguagem e sua importância para o reconhecimento da própria subjetividade. Como afirmou o psicanalista Ariel C. Arango, não existem palavras vãs, os discursos são sempre reveladores, pois, através das palavras, os conflitos inconscientes tornam-se conscientes. Deveras, esse é o segredo do método e da cura (2014). Ainda segundo este autor,

Os "palavrões" também são, como os sonhos, um caminho real para o inconsciente. Constituem, à semelhança dos caminhos antigos construídos às expensas do governo, mais largos e perfeitos que o normal, um acesso privilegiado ao mundo abismal (Arango, 2014, p. 20).

Com efeito, a palavra é de suma importância para a psicanálise. No texto *A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial* (1926) Freud evidencia que a palavra, originalmente, possuía um caráter mágico e ainda hoje conserva muito de seu antigo poder. Diante de uma possível zombaria: "Nada mais do que isto? Palavras, palavras, palavras, como diz o príncipe Hamlet" (FREUD, 1996, p. 183) e da fala de Mefistófeles sobre o conforto que palavras podem passar<sup>6</sup>, o fundador da psicanálise defende que não se pode desprezar a palavra,

Afinal de contas, ela é um instrumento poderoso; é o meio pelo qual transmitimos nossos sentimentos a outros, nosso método de influenciar outras pessoas. As palavras podem fazer um bem indizível e causar terríveis feridas. Sem dúvida 'no começo foi a ação' e a palavra veio depois; em certas circunstâncias ela significou um progresso da civilização quando os atos foram amaciados em palavras (Freud, 1996, p. 183).

Assim, a fala pode libertar a pessoa dos seus sofrimentos na terapia, com ajuda especializada de um profissional. A crença animista de que as palavras carregam um certo

<sup>6</sup> Goethe, *Fausto*, Parte I, Cena 4.

poder que pode influenciar a própria vida e a dos outros, bem como influenciar espíritos é uma característica da magia, que acontece quando se apodera do verdadeiro nome de algo (Freud, 2013, p. 77). Aflora à evidência que esta crença possui influência até os dias atuais, visto que o imaginário popular atesta que as palavras atraem aquilo que comunicam. Assim como os impulsos psíquicos dos homens civilizados perderam muito do seu grau de ambivalência, em relação aos homens primitivos (Freud, 2013, p. 65), o caráter ofensivo dos palavrões perdeu muito de sua força e atualmente não evocam mais aquilo que designam. Assim, esse lexical adquiriu novos significados e outras palavras assumiram o lugar da ofensa, de forma a abrandar ou mascarar a agressividade das palavras.

Como corolário, os palavrões estão presentes em todas as línguas e culturas, é difícil encontrar alguém que nunca recorreu a este vocabulário e não o utilizar pode ser motivo de exclusão de um grupo. O princípio mais válido para emitir um juízo acerca do uso dos palavrões é o contexto no qual está inserido, ou seja, a adequação da expressividade a cada situação de ato de fala. Palavras obscenas podem ser consideradas elogios dependendo do sentido que é empregado pelo falante e da situação de fala. Esses lexicais são apenas sequências fonéticas que remetem a algo da realidade que é considerado pejorativo, ou nomeiam aquilo que não se deve falar. Este vocabulário proibido que está ao alcance de todos foi escolhido e determinado pelo próprio ser humano, que classifica e nomeia as coisas, elegendo algumas como nobres e outras como vis.

Faz-se mister ressaltar que os xingamentos possuem uma função social evolutiva, conforme observou Freud no texto *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893)*, ao afirmar que “o primeiro homem a desfechar contra seu inimigo um insulto, em vez de uma lança, foi o fundador da civilização.” (1996, p. 22). Trata-se de uma reação adequada (civilizada) a uma ofensa. Assim, há um apaziguamento do trauma psíquico, reduzindo o afeto ligado ao insulto. Desse modo, fica claro que os “xingamentos mais pesados”, isto é, os palavrões, possuem um efeito catártico e desempenham um papel fundamental na interação social cotidiana, atuando como um catalisador de afetos.

## 2 UMA ANÁLISE A PARTIR DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM DE WITTGENSTEIN

Além dos aspectos psicológicos, é mister pensar a questão pelo viés da filosofia, especialmente dentro da área destinada à linguagem. Visto que “você xinga sobre coisas que

são tabus<sup>7</sup>”, como afirmou André Lapierre, professor de linguística da Universidade de Ottawa para o jornal *The Washington Post* (2006), as palavras devem ser interpretadas dentro do seu contexto. Um dos principais filósofos que se insere nesse tema foi Ludwig Wittgenstein. Este autor foi um dos principais responsáveis pela chamada “virada linguística”, um movimento que colocou a linguagem no centro da discussão filosófica. É possível dividir sua trajetória em dois períodos, o “primeiro Wittgenstein” que corresponde ao seu *Tractatus Logico-Philosophicus*, publicado em 1921 e o “segundo Wittgenstein”, cuja obra principal é *Investigações Filosóficas*, publicado postumamente. Aqui interessa este último. Nesta obra, o autor crítico do *Tractatus*, apresenta a tese de que o significado é o uso e, portanto, não há essência da linguagem. Assim sendo, conceitos são semelhanças de famílias e não áreas delimitadas e a lógica é apenas um jogo de linguagem com determinado propósito. Desse modo, há diferentes regras para os diferentes jogos, de modo que há um pluralismo, ou seja, várias perspectivas de mundo. Consequentemente,

A conclusão do argumento é que é impossível uma linguagem privada porque é impossível seguir-regras privadamente. É impossível seguir-regras privadamente porque seguir-regras é uma práxis, que 'gera' a significação (Miguens, 2007, p. 151).

A filosofia analítica de Wittgenstein evidencia como, em determinada forma de vida cultural, se determina o que é convencionalizado como certo ou errado. Destarte, a pragmática da linguagem instaura a gramática que os sujeitos interagem com a realidade através das regras ou por intermédio da configuração de um objeto. (Freitas, 2004, p. 80). Nesse sentido, o conceito de Razão em Wittgenstein se baseia na observação de que a linguagem é como uma teia que se espalha através de semelhanças de famílias. Do exposto, deflui que as interações nos jogos de linguagem e a gramática integram as “teias da razão” que emanam a partir das práticas coletivas, sem alicerces metafísicos. Assim sendo, ele promove o abandono do encantamento da linguagem, pela linguagem. À guisa de conclusão, tem-se que

Wittgenstein destrona uma Razão universal e imprescindível para depositar em seu lugar uma racionalidade específica e contextual, que sai da gramática e dos vários jogos de linguagem. Neste sentido, a gramática não só informa a categoria de determinada ‘coisa’, mas o que é racional ou não em dada situação (Freitas, 2004, p. 83).

<sup>7</sup> “You swear about things that are taboo” (tradução nossa).

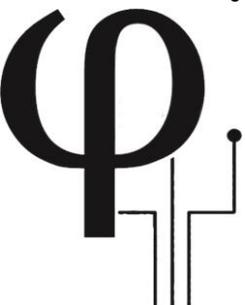
Segue-se que o modo de julgar também está diretamente ligado ao modo de agir, os parâmetros de julgamento passam pela interação pragmática e, portanto, o agir segue as normas dos jogos de linguagem. Um dos exemplos utilizados por este autor é o da folha, da seguinte maneira: se forem apresentadas diferentes folhas e emitisse um juízo, "esta é uma folha", se imprimiria no espírito do observador uma imagem de folha, mas haveria de perguntar "o que há de comum em todas as folhas que pudesse indicar que se trata de uma folha"? "Qual tom de cor verde há no modelo no espírito do observador, que seja comum a todos os tons de verde?" Não poderia haver um modelo geral de um esquema de folha ou verde puro?" Segue-se a resposta:

Certamente! Mas que esse esquema seja compreendido como esquema, e não como forma de uma folha determinada, e que um quadrinho de verde puro seja compreendido como modelo de tudo aquilo que tem a cor verde e não como modelo para o verde puro - isto depende do modo de emprego desses modelos. (Wittgenstein, 1999, p. 55).

Portanto, não há somente uma regra ou um jogo, a gramática surge da pluralidade de jogos e, apesar de não ser totalizante, fornece uma visão holística, pois mostra um âmbito panorâmico, configurado pela interação dinâmica dos jogos. Como corolário, a filosofia de Wittgenstein "parece ser mais rica para se tratar dos problemas filosóficos e especialmente das temáticas psicossociais que envolvem o estudo da linguagem humana" (Freitas, 2004, p. 96). Isto posto, é possível pensar na questão dos palavrões como pertencentes a vários jogos de linguagem, que só fazem sentido entre os jogadores que seguem aquelas regras que determinam, por exemplo, que "foda" é um elogio. Os tabus linguísticos evidenciam que é preciso situar a linguagem dentro de um esquema pragmático, sem um fundamento metafísico, visto que se trata de um arcabouço plural de lexicais que variam quantitativamente e qualitativamente. Como corolário, tem-se que,

A função da filosofia é a de descrever os usos que nós fazemos das palavras e fazer emergir o conjunto de regras que regulam os diversos jogos de linguagem, que operam sobre o fundo das necessidades humanas, na determinação de um ambiente humano (Reali; Antiseri, 2003, p. 671).

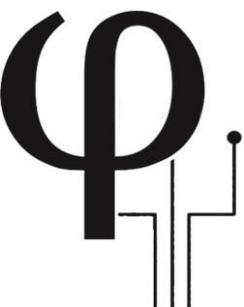
Enfim, percorrido este caminho teórico, é possível inferir que a linguagem permeia a constituição do sujeito em todos os níveis, determinando a teia de relações e o nível de entrosamento em determinados grupos. Isto acontece de acordo com a adequação do discurso à situação de fala e evidencia a necessidade de discutir a questão do pudor social que o tabu



linguístico dos palavrões provoca, dentro de diversos campos do conhecimento, na medida em que se toma consciência do jogo de linguagem implícito nas interações humanas. Trata-se de uma valorização do não dito, do interdito, que produz socialmente a obscenidade. Visto que as próprias designações científicas e assépticas são evitadas em nome do pudor ("pênis", "vagina" etc.), prefere-se usar o palavrão ("c\*ralho", "b\*ceta" etc.), que denuncia escancaradamente a intenção do falante, sucumbindo a uma decência social invertida. Entretanto, o tabu continua presente. Isto é reflexo do controle excessivo sobre a sexualidade que libera a criatividade da linguagem. Como aponta Pais (2015) "Não podemos menosprezar os mecanismos sociais que geram o processo de transformação simbólica de uma simples palavra num palavrão ou num prenúncio do mesmo" (p. 278).

Assim sendo, os corpos, representados pelo sexo e pela sexualidade interdita, ganham um sentido cultural, conforme as palavras os habitam. Ainda segundo o mesmo autor, tratam-se de "tatuagens" que marcam culturalmente os corpos, entendidas como mediadoras que ajudam a ler o social (Pais, 2015). Portanto, é preciso levar a sério o estudo dos palavrões na investigação das dinâmicas interacionais, deixando de lado a "autoridade etnográfica" que relega à margem as categorias populares como chave de leitura para as situações vivacionais. Desse modo, as metáforas e alegorias permitem dizer o indizível em jogos de nomeações que se movem em direção a um ideal. Nesse sentido, tem-se uma indicação do gênero ou espécie, uma simbiose entre a realidade material e formal. Como corolário, os palavrões são agentes produtores de desejos, sensações e experiências de modo que o vivido e o imaginado se encontram no discurso, no qual se enfileiram significações com roupagens simbólicas, que substituem os nomes proibidos, indicando aquela realidade material através de sua ausência.

Enfim, os lexicais obscenos, conhecidos popularmente como "palavrões", estão presentes em toda parte, desde situações informais até algumas mais formais, utilizadas por letrados e iletrados. Do ponto de vista psicológico, são encarados como vias privilegiadas para entender os processos anímicos envolvidos nas interações humanas. Sob o aspecto cultural, caracterizam grupos e graus de intimidade entre os sujeitos. No nível social, engloba as situações de fala definidas pelos jogos de linguagem subjacentes nos discursos. Conclui-se que utilizar palavrões não invalida a fala, nem configura pecado, mas evidenciam a pluralidade e criatividade humanas na árdua tarefa de se expressar e ser compreendido, que passa necessariamente pela linguagem.

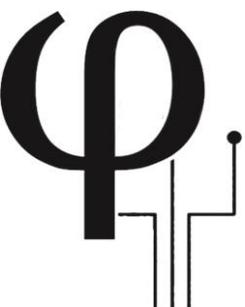


## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, é possível entender que a civilização moderna, que se considera evoluída, ainda possui tabus que marcam a constituição dos sujeitos em suas relações interpessoais. Do exposto deflui que a linguagem está diretamente relacionada à cultura, que ocupa papel central na discussão, pois só se pode compreender o léxico de determinados grupos a partir da adequação do contexto de fala. Investigar a relação do tabu linguístico do palavrão com as situações de fala é fundamental para se chegar ao entendimento dos jogos de linguagem que envolvem as interações humanas.

Conforme este trabalho procurou evidenciar, os aspectos culturais, sociais e psicológicos estão interligados, de modo que cada palavra possui uma importância fundamental no exato lugar em que foi usada. A psicanálise mostra que a relação dos seres humanos com aquilo que é proibido sempre foi ambígua, visto que causa atração e repulsão concomitantemente. Nesse sentido, percebe-se o surgimento – já remoto – de um novo lexical que inverte a significação e intenção das palavras, de modo que aquilo que é obsceno e ofensivo passa a configurar um cumprimento ou elogio.

Isto se dá devido a pluralidade de jogos de linguagem, demonstrada por Wittgenstein, que possuem regras próprias, sem recorrer a uma essencialidade metafísica ou modelo universal de aplicação, pois o que interessa é o seu uso, ou seja, a pragmática. Para se emitir um juízo acerca de um discurso, é preciso antes analisar a adequação da situação de fala ao lexical empregado, respeitando as regras daquele jogo de linguagem. Seu efeito catártico é inegável e, muitas vezes, são as palavras mais precisas e adequadas a determinadas situações, que conferem gravidade e intensidade ao que se deseja expressar.



## REFERÊNCIAS

- ANTISERI, Dario; REALI, Giovanni. *História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias*. Vol. 3, Ed. 6. São Paulo: Paulus, 2003.
- ARAGANO, Ariel C. *Os palavrões: Insights Psicoanalíticas ou virtudes da obscenidade*. ACA Ediciones, 2014.
- FREITAS, Marcelo de Almeida. A filosofia da linguagem de Wittgenstein e suas implicações para sócio-psicolinguística. *Revista Internacional de Filosofia Iberoamericana y Teoria Social*, n. 25, 2004. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27992506>> Acesso em 24 fev. 2024.
- FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial (1926). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 7: Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905)*; Trad. Frenando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893). In: FREUD, Sigmund. *Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899)*. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos*. Trad. Paulo César da Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- MIGUENS, Sofia. *Filosofia da Linguagem – uma introdução*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.
- ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <[https://revel.inf.br/files/artigos/revel\\_17\\_tabu\\_e\\_preconceito\\_linguistico.pdf](https://revel.inf.br/files/artigos/revel_17_tabu_e_preconceito_linguistico.pdf)> Acesso em 24 fev. 2024.
- PAIS, José Machado. Das nomeações às representações: os palavrões numa interpretação inspirada por H. Fefebvre. *Etnográfica*, vol. 9, n. 2, 2015. Lisboa, Portugal. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/etnografica/4000>> Acesso em 24 fev. 2024.
- SANDMANN, Antônio José. O palavrão: formas de abrandamento. *Letras*, n. 41-42. Curitiba: Editora da UFPR, 1992-93. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19127>> Acesso em 24 fev. 2024.
- STRUCK, Doug. In French-Speaking Canada, the Sacred Is Also Profane: Quebecers Turn to Church Terms, Rather Than the Sexual or Scatological, to Vent Their Anger. *The Washington Post*. Dec. 2006. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2006/12/05/in-french-speaking-canada-the-sacred-is-also-profane-span-classbankheadquebecers-turn-to-church-terms-rather-than-the-sexual-or-scatological-to-vent-their-angerspan/6d99dc44-130a-41ef-aaa3-3c1944bf5fc2/>> Acesso em 24 fev. 2024.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

